

A PREGAÇÃO DE JESUS COMO PARADIGMA PARA A PREGAÇÃO CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO EXEGÉTICO DA PREGAÇÃO DE CRISTO NOS EVANGELHOS SINÓTICOS

Samuel Marques Campos¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é fazer uma leitura exegética do Sermão do Monte, conforme a perspectiva mateana, procurando enxergar como o Cristo explicava, ilustrava e aplicava seus ensinamentos na referida perícopes, a fim de propor parâmetros para pregadores contemporâneos que desejam se espelhar na comunicação do Mestre com o propósito de pregar a Palavra frente aos desafios da sociedade da Informação.

Palavras-chave: Pregação. Jesus. Comunicação.

ABSTRACT

The objective of this article is to make an exegetical reading of the Sermon on the Mount, according to Matthew perspective, looking to see how Christ explained, illustrated and applied his teachings in this pericope, in order to propose parameters for contemporary preachers who want to be inspired by the Master communication for the purpose of preaching the Word considering the challenges of the Information society.

Keywords: Preaching. Jesus. Communication.

Introdução

Vive-se um momento de grandes avanços de cunho tecnológico e de grandes possibilidades comunicacionais que afetam diretamente as interações pessoais, o trabalho e o lazer. As redes sociais da internet, por exemplo, permitem a comunicação entre pessoas distantes geograficamente, sem contar que são cada vez mais comuns ferramentas que permitem instantaneidade nessa comunicação.

¹ Samuel Marques Campos. Especialista (livre) e Mestre (livre) em Teologia (STBE/FATEBE). Atualmente é Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: samcampos81@gmail.com. Este artigo é resumo do terceiro capítulo da dissertação de mestrado (livre) intitulada "A pregação de Jesus como paradigma para a pregação contemporânea". Orientador: José Carlos de Lima Costa.

Na era da globalização as distâncias são pequenas e as informações são acessíveis. Esta dinâmica tem mudado as relações pessoais da sociedade e também a mentalidade das pessoas. A tecnologia faz cada vez mais parte do cotidiano. Nesse contexto, a sociedade hodierna tem sido denominada de a Sociedade da Informação.²

Diante do que se apresenta, este artigo³ propõe-se a investigar uma prédica atribuída a Jesus extraindo parâmetros que deem suporte ao pregador contemporâneo. Os evangelhos sinóticos apresentam a pregação como principal atividade do Senhor (cf. Mt 4.23; Mc 1.38; Lc 4.18-19). A forma como ele pregava maravilhava multidões (cf. Mt 7.28-29; Lc 4.32).

Dentre os evangelhos sinóticos, o evangelho de Mateus é o que mais destaque dá aos discursos de Jesus. A estrutura do evangelho mateano está marcada pela repetição quádrupla “Quando Jesus acabou” [ou *concluiu* ou, ainda, *tendo acabado* etc.] (cf. Mt 7.28; 11.1; 13.53; 19.1; 26.1) Estas expressões distintas indicam o fim de cada um dos grandes blocos que correspondem a sermões organizados do Senhor.

Sabe-se que não temos acesso direto aos discursos de Jesus. No entanto, os registros das primeiras comunidades cristãs, que tinham nítido objetivo parenético, permitem compreender a razão da grande importância que Cristo tornou-se para a cristandade.⁴ Ele demonstra ser um eficaz comunicador. O “maior comunicador da história” que “preparou, encorajou e enviou os seus onze comunicadores a [...] alcançar as pessoas onde elas estavam”.⁵ O pregador dos pregadores. Para James D. Crane, ele é o “príncipe dos pastores”.⁶

Dentro dessas pregações registradas, o sermão do monte é, provavelmente, a parte mais conhecida dos seus ensinamentos. Não se tem espaço suficiente para destrinchar todo esse rico discurso. Por isso, para atingir o objetivo proposto, serão trabalhadas informações sobre a organização do sermão, percorrendo-a em busca

² SANTOS, Gildásio Mendes dos; FIORENTINI, Barbara. *Lanç@i as Redes: Para comunicar a mensagem cristã através da Internet*. Campo Grande, MS: UCDB, 2002. p. 11.

³ Agradeço ao Prof. Dr. David Bowman Riker (FATEBE) pela leitura atenta e comentários críticos, que me ajudaram a reformulá-lo. Permaneço, no entanto, como único responsável pelos erros, ambiguidades e omissões.

⁴ WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual e metodologia*. 6. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 199.

⁵ SANTOS; FIORENTINI, 2002, p. 7.

⁶ CRANE, James D. *El Sermón Eficaz*. 2 ed. rev. El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 2003. 1 CD-ROM. p. 12.

das formas como o Cristo explicava, ilustrava e aplicava seus ensinamentos, a fim de encontrar chaves para o pregador hodierno.

Sermão do monte: organização e proposição

Joachim Jeremias sugere que Mateus 5.20 descreve toda a estrutura do sermão do monte.⁷ Neste versículo Jesus disse: “pois eu lhes digo que se a justiça de vocês não for muito superior à dos fariseus e mestres da lei, de modo nenhum entrarão no Reino dos céus”.⁸ Este dito faz parte do bloco de Mateus 5.17-20 que assume estrutura semítica e deve ser tratado como paralelismo antitético. Tal paralelismo faz aproximação das *ipsissima verba*, ou seja, das próprias palavras pronunciadas por Cristo nos evangelhos.⁹

Jeremias observa ainda que muitos entendem que os mestres da lei e os fariseus correspondem ao mesmo grupo. Contudo, os mestres da lei (γραμματεὺς) são escribas ou mestres de teologia, peritos na Lei. O outro grupo retratado, os fariseus (φαρισαῖος), eram “leigos piedosos, presentes em todas as partes do país”.¹⁰ Portanto, o sermão do monte trata “sucessivamente, da justiça dos teólogos [e] da dos leigos piedosos” em oposição aos princípios do Reino dos céus, além “da [justiça] dos discípulos de Jesus”.¹¹

De acordo com Jilton Moraes, um passo importante para que uma pregação seja ministrada eficientemente ao homem contemporâneo é o desenvolvimento de uma tese ou proposição. A tese de um sermão é um “resumo de tudo quanto se pretende transmitir no púlpito”.¹² Crane considera que depois da integridade e idoneidade pessoal do pregador, “não existe fator de maior importância na pregação de um sermão eficaz do que a determinação do propósito”, sendo este “o primeiro requisito da [pregação] eficiente”.¹³

A proposição deste sermão é encontrada em Mateus 5.20 em que Senhor faz um resumo de tudo o que ele irá trabalhar na sua homilia. O Senhor tem em

⁷ JEREMIAS, Joachim. *O Sermão da Montanha*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1977. p. 38.

⁸ Todos os textos bíblicos foram extraídos da Nova Versão Internacional (NVI).

⁹ JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Teológica, 2004. p. 45-47. Para Uwe Wegner (1998, p. 90-91) Jesus lançou mão de vários tipos de paralelismos que eram comuns ao judaísmo anterior e contemporâneo a ele.

¹⁰ O texto grego adotado neste artigo corresponde à 26ª edição do texto crítico do Novo Testamento grego editado por Bárbara Friberg e Timothy Friberg (2006). O significado de todas as palavras gregas utilizadas foi extraído do léxico do Novo Testamento editado por GINGRICH e DANKER (2004).

¹¹ JEREMIAS, 1977, p. 38.

¹² MORAES, Jilton. *Homilética: Da Pesquisa ao Púlpito*. São Paulo: Vida, 2005. p. 72.

¹³ CRANE, 2003, p. 46.

mente basicamente dois grupos: os escribas ou mestres da lei e os fariseus ou religiosos leigos. Jesus, portanto, contrasta a justiça interior do seu reino com a dos escribas e fariseus. Ele apresenta como a justiça dos seus discípulos deveria exceder à dos escribas e fariseus.

A tese do Senhor pode ser expressa da seguinte maneira: “A entrada no Reino de Deus é apenas para quem evidencia verdadeira integridade de coração em detrimento de uma justiça de aparência e não de essência”. Esta é a proposição que o Mestre desenvolve.

Partindo da chave organizacional proposta por Jeremias, o sermão pode ser estruturado da seguinte forma:

- a) Introdução: As beatitudes (Mt 5.3-20).
 - O Caráter dos Filhos do Reino (Mt 5.3-16)
 - A Postura do Mestre perante as Escrituras (Mt 5.17-19)
 - A Tese do Sermão – A Justiça dos Discípulos deve exceder à dos Escribas e Fariseus (Mt 5.20)
- b) Desenvolvimento (Mt 5.21 – 7.23)
 - Justiça dos Teólogos em contraposição à justiça do Reino (Mt 5.21-48)
 - Justiça dos Leigos em contraposição à justiça do Reino (Mt 6.1-18)
 - A Justiça dos filhos do Reino (Mt 6.19-7.23)
- c) Aplicação e chamada a uma decisão (Mt 7.24-27)

Em todos os evangelhos sinóticos, o sermão do monte é uma das pregações registradas mais longas do Senhor. Apesar da extensão, este sermão não parece enfadonho, o que é evidenciado no final das suas palavras, em que as multidões ficaram muito admiradas (cf. Mt 7.28-29). Algumas características como clareza, simplicidade e facilidade de memorização podem ser encontradas nesta homilia. Na medida em que for destacada a explicação, ilustração e aplicação deste sermão, alguns princípios serão ressaltados.

Como Jesus explica seus ensinamentos

Palavras e fatos comuns

O sermão do monte é um exemplo de pregação que utiliza palavras e fatos comuns. Percebe-se que o Senhor utiliza vocábulos que faziam parte do cotidiano das pessoas, caracterizando, assim, a simplicidade da sua homilia. Vê-se, por exemplo, Jesus referindo-se à prática comum de se usar uma candeia apropriadamente para clarear todo o ambiente (cf. Mt 5.15).

Outro exemplo do Senhor foi a sua menção ao costume judaico de oferecer um culto diário no templo. O templo era o santuário de todos os judeus, por isso vários sacrifícios eram oferecidos todos os dias e, nas grandes festas, afluíam multidões a Jerusalém.¹⁴ Assim, Cristo lança mão de um fato corriqueiro para ensinar que antes de se oferecer um culto a Deus, deve-se buscar reconciliação com quem o indivíduo se desentendeu (cf. Mt 5.23-24).

Em Mateus 6.2-6 vê-se Jesus se reportando ao costume farisaico de fazer doações de esmolas, a fim de ensinar acerca da justiça interior que agrada a Deus. Também menciona o costume de alguns religiosos de fazerem orações altas perto das sinagogas para serem vistos pelas pessoas. A partir de tais fatos conhecidos da sua audiência, o Senhor ensina a discrição a fim de se ter recompensa secreta de Deus.

Cristo também menciona fatos conhecidos extraídos da natureza. Ele ensinou sobre as preocupações da vida, pedindo aos seus discípulos que olhassem para o cuidado de Deus para com as aves e os lírios do campo. Também se reportou às árvores que dão frutos estragados para ensinar sobre os falsos profetas (cf. Mt 6.25-34; 7.16).

Outro fato comum relatado pelo Mestre é a figura do pai de família que labuta para sempre dar o melhor aos seus filhos em termos de provisão. De forma similar, o Pai continuamente concede coisas boas aos que lhe pedirem (cf. Mt 7.9-11).

Nota-se que Jesus cita eventos do dia-a-dia e que todas essas histórias foram compreendidas pelos vários tipos de ouvintes aos quais ministrava. Dentre sua plateia encontravam-se simples pescadores, publicanos, além de pessoas oriundas das mais diversas localidades, como pode ser observado em Mateus 4.24-25.

Em todas as referências supracitadas, o Senhor faz comparações entre elementos do cotidiano para ensinar. No fim das suas palavras todos se

¹⁴ LOHSE, Eduard. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2000. (Coleção Bíblia e História). p. 144.

maravilharam com o seu sermão, evidenciando que todos os tipos de pessoas que compuseram a sua audiência entenderam bem a sua pregação (cf. Mt 7.28-29). Portanto, os usos de palavras e fatos comuns do dia-a-dia das pessoas auxiliaram na compreensão da homilia do Mestre, por parte de todos.

Abundância de frases curtas

Observa-se em quase toda esta homilia proferida por Jesus grande quantidade de frases breves. Para John M. Price, o sermão do monte é notável pelo fato de Cristo ter empregado “expressões proverbiais curtas e incisivas, que atraem a atenção, incutem a verdade e se fixam na memória”.¹⁵ As bem-aventuranças são curtas, mas profundas, e demonstram essa característica. Para A. M. Hunter as beatitudes são o nobre prefácio do Senhor.¹⁶ Outras várias frases notáveis e de fácil memorização empregadas por Cristo são:

Vocês são o sal da terra [...] Vocês são a luz do mundo [...] Portanto, sejam perfeitos como perfeito é o Pai celestial de vocês [...] Não sejam iguais a eles, porque o seu Pai sabe do que vocês precisam, antes mesmo de o pedirem [...] Pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração [...] Ninguém pode servir a dois senhores [...] Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro [...] Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas [...] Não julguem, para que vocês não sejam julgados [...] Peçam, e lhes será dado [...] Busquem, e encontrarão [...] Batam, e a porta lhes será aberta [...] Vocês os reconhecerão por seus frutos (Mt 5.13a, 13b, 48; 6.8, 21, 24a, 24b, 33; 7.1, 7a, 7b, 7c, 16).

Utilização de perguntas

Dentre as classificações dos ditos de Jesus, encontram-se as perguntas, que são características dos ditos sapienciais veterotestamentários e correntes entre os rabinos contemporâneos a Cristo.¹⁷ O emprego de perguntas como método de ensino tem vários objetivos. Na perspectiva de Price, elas servem para “chamar e prender a atenção [...] provocar pensamentos [...] aclarar e aprofundar as impressões”. Essa técnica foi utilizada abundantemente pelo Senhor em todo o seu ministério.¹⁸ Especificamente no sermão do monte, Jesus fez dezenove perguntas.¹⁹

¹⁵ PRICE, John Milburn. *A Pedagogia de Jesus: o Mestre por Excelência*. Rio de Janeiro: Bom Pastor / SABRE, 2008. p. 86.

¹⁶ HUNTER, A. M. *Design For Life: An Exposition of The Sermon on The Mount, its Making, its Exegesis and Its Meaning*. London: SCM Press Ltd, 1960. p. 30.

¹⁷ WEGNER, 1998, p. 200.

¹⁸ PRICE, 2008, p. 132.

¹⁹ Mt 5.13, 46 (duas vezes), 47 (duas vezes); 6.25, 26, 27, 28, 30, 31 (três vezes); 7.3, 4, 9, 10, 16, 22. Digno de nota que no texto grego adotado os versos 5.46, 47 apresentam duas interrogações,

De acordo com as estimativas de Stuart Olyott, caso se profira este sermão *ipsis litteris*, a leitura compassada desta homilia ocorreria em torno de 15 minutos. Neste caso, a cada minuto o Mestre fez uma pergunta. Isto demonstra a relevância deste método para o ensino.²⁰

Vê-se essa metodologia em Mateus 7.3, por exemplo. O Senhor disse: “Por que você repara no cisco que está no olho do seu irmão, e não se dá conta da viga que está em seu próprio olho?”. Através desta pergunta, Cristo quis ensinar que seu discípulo deve resolver qualquer pendência em relação a algum grande pecado, para somente depois, poder ajudar seu irmão com pecados menores.

As perguntas feitas por Jesus serviam de diálogo com cada ouvinte, apesar de a audiência não precisar respondê-lo de forma audível. As perguntas faziam as pessoas meditareem nas verdades proclamadas, além de, quando viesse o cansaço, “reavivá-los mais uma vez com mais perguntas”.²¹

Repetição

A estratégia da repetição é muito empregada nos livros sapienciais do Primeiro Testamento, em especial no livro dos Provérbios. Cristo lançou mão deste método, com o nítido objetivo de facilitar a memorização. Nas beatitudes, por exemplo, o Senhor repete nove vezes a expressão μακάριοι (bem-aventurados) (cf. Mt 5.3-12).

Posteriormente, nas conhecidas antíteses, quando Jesus interpreta trechos do Primeiro Testamento e contrasta o espírito da Lei com a visão dos escribas, ele repete seis vezes o refrão “Vocês ouviram o que foi dito [Ἰηκούσατε ὅτι ἐρρέθη] ... eu, porém, vos digo [ἐγὼ δὲ λέγω ὑμῖν]...” (cf. Mt 5.21, 22, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 38, 39, 43, 44).

Também ao falar sobre a oração, em um espaço de cinco versículos, Cristo repete seis vezes o verbo προσεύχομαι (orar) terminando com um modelo de como se deve fazer orações a Deus. Posteriormente, de forma similar, Jesus repete quatro vezes o verbo νηστεύω (jejuar), a fim de ensinar o valor do verdadeiro jejum diante do Pai (Mt 6.5-9, 16-18).

apesar de a versão NVI traduzi-los cada um com apenas um sinal de interrogação. O verso 7.22 apresenta, no texto grego, apenas um sinal de interrogação, apesar de a NVI empregar dois sinais.

²⁰ OLYOTT, Stuart. *Ministrando como o Mestre: Aprendendo com os Métodos de Cristo*. São José dos Campos: Fiel, 2005. p. 12.

²¹ OLYOTT, 2005, p. 13.

Este recurso também é encontrado no seu ensino sobre a perseverança na oração. O Mestre repete os verbos αἰτέω (pedir), ζητέω (buscar) e κρούω (bater): “*Peçam*, e lhes será dado; *busquem*, e encontrarão; *batam*, e a porta lhes será aberta. Pois todo o que *pede*, recebe; o que *busca*, encontra; e àquele que *bate*, a porta será aberta” (Mt 7.7-8, grifos nossos).

Os verbos “pedir”, “bater” e “buscar” estão no imperativo presente com o objetivo iterativo. Tasker pensa que através da repetição dos verbos e das suas formas verbais, Cristo tencionava ensinar seus discípulos a serem persistentes ao apresentarem seus pedidos diante do Pai.²²

Assim como o refrão de uma música é de fácil assimilação devido à repetição com que se ouve, o Senhor imprimia seus ensinamentos na mente da sua audiência através deste importante recurso, sem se tornar cansativo.

Contrastes

Jesus empregou vários contrastes como recurso pedagógico. A primeira bem-aventurança é um claro exemplo desta técnica. Na primeira beatitude, o Senhor considera como feliz e privilegiado os pobres em espírito (cf. Mt 5.3).

Outro contraste percebe-se quando ele contrapõe a interpretação corrente da lei – “ouvistes o que foi dito” – com a sua interpretação – “eu, porém, vos digo” (cf. Mt. 5.21, 22, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 38, 39, 43, 44).

Quando ensinou sobre a prática das esmolas, orações e jejum, em Mateus 6.1-8, o Mestre contrasta a forma farisaica exterior de realizar tais práticas com a maneira pela qual o Pai se agrada. Mais à frente, o ouvinte é chamado a não acumular “tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem, e onde os ladrões arrombam e furtam”, mas acumular “tesouros nos céus, onde a traça e a ferrugem não destroem, e onde os ladrões não arrombam nem furtam”. Após o contraste ele encerra com a máxima: “onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração” (Mt 6.19-21).

Cristo também pede que seus discípulos “entrem pela porta estreita, pois larga é a porta e amplo o caminho que leva à perdição” (Mt 7.13), contrastando aqueles que o seguem com aqueles que não estão dispostos a tê-lo como Senhor. Ele também contrasta as pessoas que são seus verdadeiros discípulos e genuínos

²² TASKER, R. V. G. *Mateus: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova / Mundo Cristão, 1980. (Série Cultura Bíblica). p. 64.

pregadores com os falsos profetas, ao informar que os primeiros são árvores boas enquanto que os ludibriadores são árvores más (cf. Mt 7.15-20). Jesus também contrapõe aqueles que ouvem e obedecem às suas palavras e o tolo que não atende aos seus mandamentos (cf. Mt 7.24-27).

Assim, do início ao fim, tem-se exemplos de Jesus empregando contrastes para fazer comparações e auxiliar seus ouvintes a terem discernimento acerca da postura errada da correta.

O emprego da ilustração pelo Senhor

A ilustração é uma comparação que visa esclarecer, elucidar e exemplificar uma verdade. De acordo com Crane, ela “é aquela parte do sermão que ajuda a congregação a ver com os olhos da mente”, apelando “aos poderes da imaginação”.²³ Ela consiste em uma “linguagem que pode ser *vista*”, ou seja, tem a função de “coloca[r] olhos nos ouvidos das pessoas”.²⁴ Moraes pensa nela como uma casa com janelas que procura clarear o ambiente tornando-o mais agradável.²⁵

De acordo com as estatísticas de Olyott, cerca de um terço do sermão do monte consiste de ilustrações.²⁶ Neste sermão do monte o famoso dito “uma imagem vale mais do que mil palavras” pode ser aplicado.

Jesus empregou metáforas, ou seja, comparações não expressas em que não há a necessidade explícita se “usar expressamente partículas comparativas, a exemplo de ‘como’ e ‘tal como’”.²⁷

Vocês são o sal da terra [...] Vocês são a luz do mundo [...] Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens [...] Os olhos são a candeia do corpo. Se os seus olhos forem bons, todo o seu corpo será cheio de luz [...] Não deem o que é sagrado aos cães, nem atirem suas pérolas aos porcos [...] Entrem pela porta estreita, pois larga é a porta e amplo o caminho que leva à perdição [...] Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida” (Mt 5.13, 14, 16; 6.22, 23; 7.6, 13, 14).

Wegner ressalta o emprego de imagens, que “caracterizam-se por ser comparações diretas, sem partículas comparativas”.²⁸ Vê-se tal recurso nos textos:

²³ CRANE, 2003, p. 169.

²⁴ OLYOTT, 2005, p. 16, grifo do autor.

²⁵ MORAES, 2005, p. 116.

²⁶ OLYOTT, 2005, p. 16.

²⁷ WEGNER, 1998, p. 205.

²⁸ WEGNER, 1998, p. 204.

a) “Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte.” (Mt 5.14); b) “toda árvore boa dá frutos bons, mas a árvore ruim dá frutos ruins.” (Mt 7.17).

Outro recurso ilustrativo é o símile que consiste em uma comparação explícita entre elementos, pessoas ou objetos com alguma característica semelhante empregando-se conectivos ou partículas comparativas: “‘como’, ‘tal como’, ‘tal qual’, ‘semelhante a’ e ‘da mesma maneira que’”.²⁹ Em duas ocasiões o Senhor lança mão desta ferramenta:

Portanto, quem ouve estas minhas palavras e as pratica é *como* um homem prudente que construiu a sua casa sobre a rocha [...] Mas quem ouve estas minhas palavras e não as pratica é *como* um insensato que construiu a sua casa sobre a areia” (Mt 7.24, 26, grifos nossos).

A hipérbole é outro tipo de ilustração que Jesus utilizou. Trata-se de imagens aumentadas, uma figura retórica que aumenta ou diminui exageradamente a verdade das coisas.³⁰ Percebe-se que Cristo lançou mão desses exageros com o objetivo de impressionar e fazer com que seus discípulos compreendessem a seriedade das suas palavras.

Se o seu olho direito o fizer pecar, arranque-o e lance-o fora [...] E se a sua mão direita o fizer pecar, corte-a e lance-a fora [...] Por que você repara no cisco que está no olho do seu irmão, e não se dá conta da viga que está em seu próprio olho? (Mt 5.29, 30; 7.3).

Jesus foi incomparável no emprego de ilustrações vívidas e do dia-a-dia que imprimiam seus ensinamentos na mente de seus ouvintes. Percebem-se três objetivos básicos das ilustrações que Cristo lançou mão: contribuía para a melhor compreensão dos seus ensinamentos, tornavam a verdade atraente e eram recursos mnemônicos.

O Mestre sabia do poder das ilustrações e, por isso, empregou este poderoso recurso. A facilidade com que suas instruções ficavam tão nítidas, fixas e atraentes à sua audiência, explica o fato de os “ensinamentos [do Senhor] terem permanecido tão claros por todos esses séculos”.³¹ Estes recursos ilustrativos, extraídos do dia-a-dia, auxiliavam os ouvintes do Nazareno a fazer vir à memória as verdades por trás da ilustração.

²⁹ WEGNER, 1998, p. 206.

³⁰ WEGNER, 1998, p. 204.

³¹ PRICE, 2008, p. 91.

Tomando o exemplo do Senhor, existem no cotidiano da vida contemporânea, várias ilustrações peculiares que podem ser extraídas para se ilustrar uma verdade de Deus. Vive-se na época da tecnologia e da globalização. Através da internet, por exemplo, eventos e notícias são conhecidos em frações de segundos. Assim, muitos fatos hodiernos podem servir de ilustração para o pregador contemporâneo.

Como o Senhor faz as aplicações do sermão

Empregando afirmações

Cristo fez aplicações através de afirmações simples e diretas. Observa-se esta peculiaridade nas bem-aventuranças, quando Jesus ensina sobre aqueles que desfrutam da benção divina. Pode-se especular que à medida que o Mestre explanava as beatitudes, poderia vir à mente dos ouvintes perguntas, como: “em quem Deus se agrada?” ou “quem desfruta do favor e benção divinos?”. Então, o Nazareno “responde” tais indagações com afirmações que indicavam que os dependentes de Deus, os que choram suas misérias, os mansos etc., são os verdadeiros privilegiados na óptica do seu reino.

Ao ensinar que o assassinato começa no coração, Cristo afirma, de forma clara e direta: “Mas eu lhes digo que qualquer que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento”. De forma similar, e ainda de maneira mais explícita, o Senhor afirmou que “[...] qualquer que olhar para uma mulher para desejá-la, já cometeu adultério com ela no seu coração”, ao aplicar que o adultério não é apenas um ato externo: ele começa no interior do ser humano (Mt 5.22, 28).

No final da sua pregação, o Nazareno faz uma afirmação enfática “Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus” (Mt 7.21). Essa afirmação tão clara destaca que o discípulo aparente, que apenas exteriormente considera Jesus como o Senhor, não entrará no reino. Cristo quis ensinar que o Pai está mais preocupado com uma postura que o agrada do que com meros formalismos exteriores de um discípulo nominal.

Algumas afirmações feitas por Jesus empregam vocábulos no modo imperativo com intenção exortativa.³² Nota-se, por exemplo, que os imperativos “alegrem-se e regozijem-se” são a aplicação de que eles são privilegiados quando sofrem em prol do reino, pois grande é a recompensa deles (Mt 5.12).³³ Similarmente, após comparar seus discípulos ao sal e à luz, para ensinar a diferença que deveriam evidenciar, o Senhor faz a aplicação, ordenando: “Assim *brilhe* [λαμψάτω] a luz de vocês diante dos homens [...]” (Mt 5.16, grifo nosso).

Em outro momento, após Cristo ensinar a postura correta de os discípulos orarem a Deus, o Mestre inicia a aplicação com o imperativo: “Vocês, *orem* [προσεύχεσθε] assim: [...]”, e então, profere a oração do “Pai Nosso”. Semelhantemente, Jesus aplica que seus discípulos deveriam confiar no cuidado de Deus, ao exortar: “[...] não andeis *ansiosos* [μεριμνᾶτε] [...]” (Mt 6.9, 25).

Assim, o Nazareno fazia afirmações diretas e também as empregava no modo verbal imperativo para denotar o caráter direto e exortativo da sua aplicação.

Utilizando perguntas

Além de utilizar perguntas nas explicações, Jesus também lança mão deste método nas suas aplicações. Vê-se um exemplo, quando disse: “Se vocês amarem aqueles que os amam, que recompensa vocês receberão? Até os publicanos fazem isso! E se saudarem apenas os seus irmãos, o que estarão fazendo de mais? Até os pagãos fazem isso!” (Mt 5.46, 47).

Ao ensinar sobre o amor e oração pelo inimigo porque Deus é bom para com todas as pessoas, o Mestre aplica estas verdades, levando seus discípulos a meditarem na maneira de tratamento para com os semelhantes (cf. Mt 5.43-47).

Em outra ocasião, quando falou sobre a preocupação excessiva em relação à provisão, Cristo fez uma série de perguntas para mostrar que, da mesma forma como Deus cuida da sua criação, assim também Ele atenta para os seus filhos:

Quem de vocês, por mais que se preocupe, pode acrescentar uma hora que seja à sua vida? Por que vocês se preocupam com roupas? Vejam como crescem os lírios do campo. Eles não trabalham nem tecem. Contudo, eu lhes digo que nem Salomão, em todo o seu esplendor, vestiu-se como um

³² WEGNER, 1998, p. 200.

³³ Ambos os verbos encontram-se modo verbal imperativo no grego. Respectivamente, *χαίρετε*, oriundo de *χαίρω* (alegrem-se) e *ἀγαλλιᾶσθε*, proveniente de *ἀγαλλιᾶω* (regozijar).

deles. Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, não vestirá muito mais a vocês, homens de pequena fé? (Mt 6.27-30).

Deste modo, através das perguntas feitas, Jesus pede que seus discípulos considerem que não têm o domínio do tempo e que, assim como Deus cuida das aves e das ervas do campo, cuidará das suas vidas.

Lançando mão de linguagem figurada

O Mestre empregou linguagem figurada, não apenas nas suas ilustrações, mas também nas suas aplicações. Percebe-se o emprego desse recurso, por exemplo, ao aplicar que seus discípulos deveriam evidenciar diferença na sociedade. Para isso, ele as metáforas do sal e da luz: “Vocês são o sal da terra. Mas se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo? Não servirá para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens. Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte” (Mt 5.13, 14).

Ao ensinar que seus discípulos não deveriam ser rápidos em julgar os pequenos pecados dos outros ele emprega um exagero retórico na aplicação:

Por que você repara no cisco que está no olho do seu irmão, e não se dá conta da viga que está em seu próprio olho? Como você pode dizer ao seu irmão: ‘Deixe-me tirar o cisco do seu olho’, quando há uma viga no seu? Hipócrita, tire primeiro a viga do seu olho, e então você verá claramente para tirar o cisco do olho do seu irmão (Mt 7.3-5).

Aplicação aos diversos tipos de ouvintes

Mateus informa que multidões ouviram atentamente as palavras do Mestre (cf. Mt 7.28). De fato, este sermão de Cristo foi proferido para uma audiência variada, composta de pessoas com os mais diversos problemas e necessidades (cf. Mt 4.25; 5.1).

Olyott levanta vários tipos de pessoas que poderiam ser encontradas na audiência neste sermão do monte que provavelmente abrange vários tipos de pessoas encontrados nas congregações de hoje:

Pessoas curiosas em saber quem são os verdadeiramente abençoados por Deus (5.3-11); Os perseguidos (5.11, 12); Indivíduos vivendo em tensão com outros (5.21-26); Aqueles que pensam que o pecado são apenas os atos exteriores (5.27-30); Os que pensam rapidamente no divórcio como a solução para quaisquer problemas conjugais (5.31, 32); A pessoa que usa o juramento para respaldar sua palavra (5.33-37); O indivíduo vingativo (5.38-42); Os que demonstram empatia e amor apenas para com os que lhe são agradáveis (5.43-48); Os religiosos que pensam que alcançarão o favor divino pelas obras mostradas aos homens (6.1-18); O materialista (6.19-21); Aquele, cuja lealdade encontra-se dividida (6.24); Os que ficam inquietos com a provisão divina (6.25-34); O crítico (7.1-6); Quem deseja saber qual é o segredo para bons relacionamentos (7.12); A pessoa tentada a ir segundo a multidão ou o pragmático preocupado em seguir a maioria (7.13, 14); Quem julga com base nas aparências (7.15-20); O indivíduo enganado sobre como a religião verdadeira realmente é (7.21-23); Aquele que ouve as palavras de Jesus, mas não age segundo elas (7.24-27).³⁴

Jesus procurou fazer aplicações direcionadas às mais diferentes necessidades e carências. Portanto, o pregador contemporâneo que quiser ser fiel ao Mestre deverá seguir a metodologia do Senhor, aplicando a verdade a todos.

Considerações finais

A forma de ensino do Nazareno no sermão do monte é peculiar e interessante. Ele costumava entrelaçar a explicação, ilustração e a aplicação de princípios na vida da audiência. Verificou-se que ele comumente *explana* empregando fatos e palavras comuns, frases curtas, perguntas, repetição e contrastes. A *ilustração* dava-se através de histórias que esclareciam a verdade, tornavam-na atraente e facilitava a memorização. Já a *aplicação* era feita por meio de afirmações, perguntas, linguagem figurada, objetivando aplicar os ensinamentos a todos os tipos de ouvintes.

O término do sermão, quando “Jesus acabou de dizer essas coisas”, menciona as multidões “maravilhadas com o seu ensino, porque ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os mestres da lei” (Mt 7.28-29). A forma peculiar de comunicação empregada por Cristo impressionava grandemente e diferia das práticas discursivas usuais. Hunter ressalta que tal veemência continua a ressoar nos ouvintes hodiernos, deixando todos igualmente atônitos.³⁵

Pode-se argumentar que é um anacronismo empregar um sermão registrado há milhares de anos e tratá-lo como adequado ao contexto latino-americano

³⁴ OLYOTT, 2005, p. 27-28.

³⁵ HUNTER, 1960, p. 62.

hodierno. No entanto, apesar de se estar no século XXI, Jesus é um personagem peculiar que tem influenciado pessoas de diversas culturas por mais de dois mil anos. Seus ditos registrados tem servido a igreja cristã, ao longo da história, como fonte de ensino, exortação e consolação.

Mesmo sem escrever qualquer livro, Cristo “dividiu” a história, e grande parte da população do globo terrestre declara seguir os seus passos. Mesmo líderes e seguidores de outras religiões respeitam este personagem tão singular. Ele é o cerne do cristianismo e segundo Jeremias, ele é o centro e o critério de toda a teologia cristã.³⁶

Assim, todos os elementos vistos concisamente neste artigo corroboram para evidenciar que o Nazareno foi o mestre e pregador por excelência. A forma tão simples e, ao mesmo tempo, admirável de seu ensino são razões para que suas pregações registradas recebam atenção frente aos desafios que a contemporaneidade apresenta e ainda hoje podem servir de parâmetro aos que desejam anunciar a Palavra de Deus à geração hodierna.

Referências

BÍBLIA. Português. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida / Sociedade Bíblica Internacional, 2001.

CRANE, James D. *El Sermón Eficaz*. 2 ed. rev. El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 2003. 1 CD-ROM.

FRIBERG, Bárbara; FRIBERG, Timothy (eds.). *O Novo Testamento Grego Analítico*. São Paulo: Vida Nova, 2006.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

HUNTER, A. M. *Design For Life: An Exposition of The Sermon on The Mount, its Making, its Exegesis and Its Meaning*. London: SCM Press Ltd, 1960.

JEREMIAS, Joachim. *O Sermão da Montanha*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1977.

_____. *Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Teológica, 2004.

³⁶ JEREMIAS, 2004, p. 444.

LOHSE, Eduard. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2000. (Coleção Bíblia e História).

MORAES, Jilton. *Homilética: Da Pesquisa ao Púlpito*. São Paulo: Vida, 2005.

OLYOTT, Stuart. *Ministrando como o Mestre: Aprendendo com os Métodos de Cristo*. São José dos Campos: Fiel, 2005.

PRICE, John Milburn. *A Pedagogia de Jesus: o Mestre por Excelência*. Rio de Janeiro: Bom Pastor / SABRE, 2008.

SANTOS, Gildásio Mendes dos; FIORENTINI, Barbara. *Lanç@i as Redes: Para comunicar a mensagem cristã através da Internet*. Campo Grande: UCDB, 2002.

TASKER, R. V. G. *Mateus: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova / Mundo Cristão, 1980. (Série Cultura Bíblica).

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual e metodologia*. 6. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998.